



## **O campo da comunicação e os estudos culturais: uma análise a partir de Roberto Follari**

Raquel Cantarelli Vieira da Cunha<sup>1</sup>

### **Resumo**

A história do campo da Comunicação é marcada por múltiplas contribuições de outras disciplinas, especialmente no âmbito das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas. Contudo, a questão da interdisciplinaridade assumiu uma outra característica nesse campo. Ela marca profundamente a história do seu nascimento, mas também sua história recente. O que nos propomos aqui é discutir a contribuição desses aportes teóricos advindos de outras áreas, mais precisamente pretendemos problematizar os Estudos Culturais – uma corrente de pesquisa da tradição antropológica – para os estudos da Comunicação, a partir da visão de Roberto Follari.

**Palavras-chave:** Campo da Comunicação, Estudos Culturais, Cultura

### **Introdução**

Ainda que o seu estatuto não seja definido, os Estudos Culturais aparecem nos livros que apresentam as Teorias da Comunicação. Discute suas aspirações a ser uma disciplina na academia, percebe-se sua abertura, versatilidade teórica, seu espírito reflexivo, sua importância crítica.

Os programas de pós-graduação em Comunicação, no Brasil, oferecem cada vez mais a linha de Comunicação e Cultura, a exemplo da Universidade de Sorocaba, Universidade Federal Fluminense, a PUCRS, ou ainda congressos importantes, como o COMPÓS. Algumas linhas buscam partir de uma reflexão epistemológica, ou seja, estudar o conhecimento científico gerado pelos Estudos Culturais do ponto de vista crítico, isto é, do seu valor. Um estudo da natureza e dos fundamentos desse saber, particularmente de sua validade, de seus limites, de suas condições de produção<sup>2</sup>.

Propomo-nos aqui entender o movimento desta Tradição dentro do campo da Comunicação a partir de Roberto Follari<sup>3</sup>. Consideramos válido apresentar este autor em

---

<sup>1</sup> Raquel Cantarelli Vieira da Cunha é mestranda em Comunicação pela Universidade de Brasília. Publicitária formada pela Universidade Católica de Pelotas, atualmente ministra aulas nos Cursos de Comunicação do Instituto de Ensino Superior de Brasília - IESB e da Faculdade Alvorada. E-mail: [raquelcantarelli@gmail.com](mailto:raquelcantarelli@gmail.com)

<sup>2</sup> LAVILLE, Christian. *A Construção do Saber*, 1999.

<sup>3</sup> Professor de Epistemología das Ciências, Faculdade de Ciências Políticas e Sociais, Universidade Nacional de Cuyo. Provincia de Mendoza (Argentina).



função de suas discussões epistemológicas, embora ele não se detenha ao campo da comunicação. Os Estudos Culturais são, por ele, problematizados como teorias fracas.

Nosso objetivo é fazer um resgate de como se deu a emergência destes Estudos, situar a sua entrada no campo da comunicação a partir de uma discussão epistemológica e tratar da sua comparência no mesmo. O assunto em questão nos provoca por sabermos que tanto os Estudos Culturais quanto o campo da comunicação são desafiados, classificados, construídos, desconstruídos, e apesar de tantas indefinições acerca do estatuto de ambos, estão sempre em contato.

### **A emergência dos Estudos Culturais**

Nascidos no departamento de Inglês da Universidade de Birmingham, Inglaterra, pelas mãos dos pesquisadores Richard Hoggart, Raymond Williams e E. P. Thompson, entre os anos 1950 (fundação) e 1960 (cristalização com o reconhecimento institucional), os Estudos Culturais, conforme seus próprios precursores, não configuram uma disciplina, mas uma área onde diferentes disciplinas interagem visando o estudo global dos aspectos culturais da sociedade. Os três textos da década de 50 que marcam a origem desta corrente foram: *As Utilizações da Cultura* (1957, de Richard Hoggart); *Cultura e Sociedade* (1958, de Raymond Williams); e *Formação da Classe Operária Inglesa* (1963, de E. P. Thompson).

Os Estudos Culturais foram consolidados e popularizados pelos estudos do inglês Stuart Hall que dirigiu o Centro de Estudos Culturais Contemporâneos<sup>4</sup> entre 1969 e 1979.

Percebe-se, aqui, que tais Estudos dizem respeito às formas históricas da consciência ou da subjetividade, ou às formas subjetivas pelas quais nós vivemos ou, ainda, em uma síntese bastante perigosa, os mesmos dizem respeito ao lado subjetivo das relações sociais (JOHNSON, 2006, p. 25).

Raymond Williams diz que:

Já que a nossa maneira de ver as coisas é também a nossa forma de viver, o processo de comunicação, de fato, é o processo de comunhão: o compartilhamento de significados comuns e, daí, os propósitos e as atividades comuns; a oferta, recepção e comparação de novos significados, que levam à tensões, ao crescimento e a mudança. (WILLIAMS *apud* HALL, 2006, p.127)

---

<sup>4</sup> O CCCS foi criado por Hoggart, na década de 1970, no intuito de ter a mídia como foco de estudo.



Os Estudos Culturais, concebidos desde o início como um empreendimento interdisciplinar, apresentam um projeto de abordagem da cultura a partir de perspectivas críticas. Para Williams, ainda, cultura é conotada como o domínio das “idéias”. Mas ele refere-se à cultura, também, como as práticas sociais e, depois, simplifica considerando a cultura um modo de vida global. As principais tradições desta Tradição combinam, como podem, teoria social, análise cultural, história, filosofia e intervenções políticas específicas, superando a divisão acadêmica convencional do trabalho. São uma proposição que situa a cultura no âmbito de uma teoria da produção e reprodução social, especificando os modos como as formas culturais serviram para aumentar a dominação social ou para possibilitar a resistência e a luta contra a dominação. Sendo assim, os Estudos Culturais desenvolvem modelos teóricos do relacionamento entre economia, o Estado, a sociedade, a cultura e a vida diária, dependendo, pois, das problemáticas da teoria social contemporânea.

Os Estudos Culturais podem ser considerados um campo de estudos no qual diversas disciplinas se interseccionam no estudo de aspectos culturais da sociedade contemporânea que, por isso, exercem uma grande influência sobre as disciplinas acadêmicas, a exemplo dos Estudos Literários, Sociologia, Estudos de Mídia e Comunicação, Lingüística, História, entre outras.

Hoje, na sua forma contemporânea, transformaram-se num fenômeno internacional que privilegia os conteúdos dos meios de comunicação como objeto de estudo e são uma forte tendência no do saber comunicacional<sup>5</sup>.

Como observa Wolf (1985), em um primeiro momento, os Estudos Culturais concentraram-se na análise de uma forma específica de processo social, relativa à atribuição de sentido à realidade, à evolução de uma cultura, de práticas sociais partilhadas, de uma área comum de significados. Podemos perceber que cultura não se trata apenas de uma prática nem é simplesmente a descrição da soma dos hábitos e costumes de uma sociedade.

Eles trazem a tona um conceito de cultura muito ampliado. A cultura não é uma entidade homogênea, mas manifesta-se de maneira diferenciada em qualquer formação social ou época histórica. A cultura não significa simplesmente sabedoria recebida ou experiência passiva, mas um grande número de intervenções ativas, que podem tanto mudar a história quanto transmitir o passado.

---

<sup>5</sup> Saber comunicacional é uma expressão cunhada por Luiz Cláudio Martino para designar o conjunto de conhecimentos teóricos que buscam e buscaram dar conta do campo de pesquisa da comunicação. Para Miége, pensamento comunicacional.



Como uma perspectiva que enfatiza a “atividade humana”, a produção ativa da cultura, sem necessariamente atrelar essas discussões a questão dos meios de comunicação, pode ser considerada uma Teoria da Comunicação?

Os Estudos Culturais afirmam ser possível, através da análise da cultura de uma sociedade – as formas textuais e as práticas documentadas de uma cultura – reconstruir o comportamento padronizado e as idéias compartilhadas pelos homens e mulheres que produzem e consomem os textos e as práticas culturais daquela sociedade.

Hall destaca:

Tendo descrito as mudanças conceituais pelas quais os conceitos de sujeito e identidade da modernidade tardia e da pós-modernidade emergiram, me voltarei agora, para questão de como este “sujeito fragmentado” é colocado em termos de suas identidades *culturais*. A identidade cultural particular com a qual estou preocupado é a identidade *nacional* (embora outros aspectos estejam aí implicados). O que está acontecendo à identidade cultural na modernidade tardia? (...) as culturas nacionais em que nascemos se constituem em uma das principais fontes de identidade cultural (2006, p.47)

É importante enfatizar que os Estudos Culturais saíram da Inglaterra e estenderam-se para outros territórios, inclusive para América Latina, o que não significa, no entanto, que exista um corpo fixo de conceitos. O importante é vê-los sob o ponto de vista teórico, ou seja, com a intenção de constituir um novo campo de estudos. Por isso, podemos nos utilizar das considerações de Follari que, apesar de referir-se prioritariamente aos Estudos Culturais latino-americanos, e considerar que estes são uma versão dos Estudos Culturais norte-americanos e não britânicos, sua visão se aplica a Tradição como um todo.

A partir de todas essas colocações, propomos uma discussão sobre como os Estudos Culturais, tradição de pesquisa originária da Antropologia, influenciam na pesquisa no âmbito do saber comunicacional.

Para tanto, se faz necessário uma breve discussão epistemológica acerca do próprio campo da Comunicação onde o saber comunicacional se estabelece.

### **O campo da Comunicação e os Estudos Culturais**

Para nos concentrarmos na situação do campo da Comunicação atual e as implicações do fortalecimento dos Estudos Culturais na área, nos situaremos em relação à história do campo.



O campo da Comunicação se constitui por meio de reflexões que se fazem possível a partir do aparecimento da imprensa. A mesma inaugura um novo setor do conhecimento, onde aparece o intelectual, a atualidade. Obtemos, então, um conjunto de novos conhecimentos transformados em um sistema a partir de um objeto de estudo. Embora a discussão da atualidade se confundisse com o campo, não havia um recuo teórico. O recuo vem a partir da década de 1920 com as pesquisas da Fundação Payne<sup>6</sup>, a exemplo do estudo de audiência e efeitos nas crianças encomendados por psicólogos. Neste momento, pesquisadores utilizando métodos científicos tentavam entender o poder dos meios de comunicação, ou seja, a cientificidade é fruto do interesse pelo impacto dos meios. Tanto o impacto quanto o interesse são multiplicados em escala exponencial com o advento da televisão. Nas décadas de 1940 e 1950, o conhecimento científico dos processos comunicacionais já é aplicado por psicólogos, cientistas políticos, que permanecem com suas disciplinas. Entre as décadas de 1960 e 1970 acontecem os primeiros debates epistemológicos situando a comunicação como ciência e articulando um objeto e um saber específico. O campo da Comunicação começa a ser visto como interdisciplinar e inicia-se uma desordem que chega a extremos.

Bello<sup>7</sup> (2006) destaca que em 1983 o *Journal of communication*, para analisar o estado da arte em teorias da comunicação, reuniu 35 autores de 10 países diferentes. O produto final desta reunião foram os números 3 e 4 do volume 43 da revista. A visão de tais autores foi bem otimista uma vez que sustentaram a emergência de uma nova disciplina. Apesar de aproximadamente 50% das colocações serem inspiradas em Marx (Teoria Crítica) também se referenciou a boa nova dos temas. Os Estudos Culturais aparecem entre esses temas propostos. Não isoladamente, um novo estilo de abordagem invade as ciências humanas e sociais. Já em 1993, 10 anos depois, percebe-se uma mudança de perspectiva. O *Journal of communication* dedica um número para examinar o "estado da arte" na área. Desta vez os autores apresentam reservas. "O Futuro da Área: Entre a Fragmentação e a Coesão", de Rosengren (1993, p.09) afirma que a área está mais fragmentada do que fermentada. Isto se repete em 1999, na revista *Communication Theory*, na qual Robert T. Craig afirma, de maneira ainda mais drástica,

---

<sup>6</sup> Entre 1929-1932 esta fundação encomendou 13 estudos sobre temas ligados à comunicação. Eles podem ser classificados em três temáticas básicas: estudos sobre conteúdo dos filmes; estrutura da audiência; os efeitos sobre as crianças.

<sup>7</sup> El 'estado del arte' en teoría de la comunicación: un ejercicio kuhniano in Intercom – Revista Brasileira de Ciências da Comunicação São Paulo, v.29., n.1, p. 57-83, jan./jun. 2006



que o campo da comunicação não existe. Acusa os autores de raramente mencionarem uns aos outros, se ignorando mutuamente.

Não existe cânon teórico algum a que todos se refiram. Não existem propósitos comuns que os unam, nem questões disputadas que os dividam. Na maioria, simplesmente se ignoram uns aos outros. (CRAIG *apud* BELLO, 2006, p.61, tradução nossa)

Em seguida, declara sua inevitável conclusão de que a teoria da comunicação não é um campo de estudo consistente. Recorre a Everett M. Rogers para atribuir tal inconsistência ao fato de a natureza holística da comunicação não ser respeitada pelas divisões feitas entre estudo dos meios, dos processos, etc. A fragmentação entre as tendências do que é estudado mostra as irredutíveis diferenças metodológicas. Já Bello se remete a DeFleur (1998, p.93) para nos dizer que os autores fazem uso de perspectivas ideológicas – em oposição às científicas – para chegar a conclusões sobre os processos e efeitos da comunicação de massa. O que terá acontecido com o otimismo e propostas da década de 1980? A falta de coesão nos estudos no campo da comunicação o ilegítima intelectualmente.

Estariamos assim diante de a uma teoria super minimalista do conhecimento: isto é assim porque eu o afirmo assim, em minha peculiar condição local, histórica e cultural. E não há como sair daí, dessa condição fatal de unidade leibniziana. (BELLO, 2006, p. 67 tradução nossa)

É nesse lugar ilegítimo que os Estudos Culturais encontram um ambiente possível para se desenvolverem, mesmo sendo uma teoria frágil, sem maturidade suficiente. Contudo, a ausência de reflexão epistemológica sobre os Estudos Culturais em nosso campo é visível. Como pensar a fragilidade dos mesmos? Essa é uma pergunta importante de se responder, inclusive para nos situarmos melhor em relação às contribuições que esta Tradição pode oferecer, ou não, ao campo da Comunicação.

## **Os Estudos Culturais como teorias débeis: a visão de Roberto Follari**



Em seu artigo intitulado *Los Estudios Culturales como Teorías Débiles*<sup>8</sup>

Follari considera que os Estudos Culturais se mostram relevantes e pertinentes em muitas áreas acadêmicas e, apesar de sua incontestável juventude, vivem o seu apogeu.

Destaca o campo da comunicação como um dos principais espaços onde se tem demonstrado a eficácia da presença de tais Estudos, provavelmente por eles se dedicarem quase que exclusivamente a cultura dos meios.

Isso permitiu aos Estudos Culturais estabelecer uma forte presença no campo acadêmico, em notória tensão com a sua retórica sobre o popular-massivo, e sobre a sua alegada recusa de institucionalização universitária. Essa rejeição foi, sem dúvida, clara e eficaz em iniciadores da corrente nos tempos heróicos de Birmingham: R. Williams e Hoggart pelo trabalho na educação de adultos bairros populares (1). Mas o tempo inverteu esta tendência, de modo que os discursos contra o acadêmico foi praticado cada vez mais no interior da academia como um remédio para fins de consolidação e autolegitimação no mesmo espaço acadêmico. (2003, p. 28)

Porém, nos alerta que, por não manterem uma relação de exterioridade com as disciplinas consagradas e passar através delas de maneira transversal, produziram uma situação paradoxal: promovem o efeito de oferecer pautas de análises úteis a diferentes objetos disciplinares de estudo, mas não se sujeitam a nenhuma área. Rejeitar as disciplinas não implica sustentá-las em suas diferenças para abarcar várias.

Os Estudos Culturais não conseguem viabilizar uma tradição específica, justamente por atravessar o discurso de muitas outras disciplinas, tornando o seu estatuto pouco definido. Apesar de termos conhecimento sobre autores, obras, referenciando-os, não há uma tradição assim denominada. O que percebemos hoje é um distanciamento de suas relações com o Marxismo inglês. Podemos atribuir isso a adaptação sofrida pelos Estudos Culturais nos Estados Unidos e depois a relação de antecedente dessa adaptação até chegar à América Latina. Podemos atribuir, também, ao fato de abrirem o campo para a cultura de massa que se torna o marco dentro do qual se estabeleceram, fazem parte e, ainda, tentam estudar. Apesar de os Estudos Culturais terem um nome, não estão institucionalizados. Mas estão no campo da comunicação. Propondo um debate original sobre a cultura, pensando-a como instrumento de reorganização social.

---

<sup>8</sup> Apresentado no Congresso de LASA (Latin American Studies Association), realizado em Dallas (Texas), de 27 a 29 de março de 2003.



A fragmentação do campo da comunicação, já citada anteriormente, apontada por Rosengren (1993) não cessou, o campo continua a se fragmentar e essa fragmentação o enfraquece, pois novas temáticas e novas sub-áreas se acumulam as já existentes. Por isso a fragmentação é vista como um processo que gera cada vez mais fragmentação. O campo torna-se mais extenso, conseqüentemente mais complexo ficando cada vez menos definido. E se não formos capazes de manter o contato entre suas partes ou ter uma compreensão de seu todo as sub-áreas originaram novos campos de pesquisa.

A também já citada interdisciplinaridade do campo comunicacional nos soa, agora, como um artifício cômodo encontrado para não problematizar a questão de sua institucionalização. Como se a interdisciplinaridade fosse uma nova abordagem da ciência. não podemos ver a interdisciplinaridade desta forma. Aprender com as outras ciências que estuda o homem a partir de outras abordagens, não é interdisciplinaridade. Ela é um campo muito mais amplo que extrapola o campo comunicacional.

Para Follari:

A abordagem interdisciplinar não é, portanto, o fato de que elementos de uma disciplina sirvam como "ciência auxiliar" de outra, como por exemplo, a estatística, sociologia, intercâmbio conceitual que é muito anterior com certeza à idéia de interdisciplinaridade. Também não é a aproximação entre disciplinas muito fechadas entre si cujos limites formais não podem ser absolutos. (1982, p. 27)

O campo comunicacional, por si só já é fragmentado. Receber os Estudos Culturais, que tem os seus “*founding fathers*” pesquisadores de outras áreas, pode contribuir para que essas vertentes teóricas dos fundadores tentem ser seguidas. Na ausência de um corpo fixo de conceitos em função dos diferentes países e circunstâncias em que são empregados, as vertentes teóricas da proposta inicial acabam se distanciando. Os Estudos Culturais não conseguem constituir uma disciplina, *a priori*, e acabam se fragilizando. Mas, considerá-los frágeis é um conformismo, ou a provocação para entendermos que, talvez, estejamos tentando atribuir aos Estudos Culturais valores que não os pertencem? Escoteguy acredita que:

Os Estudos Culturais não estão predeterminados por um paradigma e não compõem uma disciplina específica. Eles não se deixam enclausurar numa definição essencialista que aponte para uma narrativa teórico-metodológica única e homogênea. Isso vale tanto para a vertente britânica como para uma possível perspectiva latino-americana. A “unidade na diferença” identificada entre os considerados “pais fundadores” da primeira replica-se, também, na



relação de Stuart Hall e outros praticantes dos estudos culturais britânicos, (...) entre outros latino-americanos. Sendo assim, é uma exigência conhecer tais trajetórias intelectuais individualmente, antes de assumir uma crítica genérica e inconsistente. (2006, p.7)

Quando Neveu e Mattelart citam a defesa, feita por alguns autores, do estatuto dos Estudos Culturais como uma “antidisciplina”, eles alertam:

O termo marca a recusa de divisões disciplinares, de especializações, a vontade de combinar as contribuições e os questionamentos advindos de saberes cruzados, a convicção de que a maioria dos desafios do mundo contemporâneo ganham ao ser questionados pelo prisma cultural. A iniciativa tem o mérito de contrabalançar os efeitos de isolamento derivados da hiperespecialização. No entanto, ela levanta uma questão. A palavra disciplina também significa seriedade, controle, respeito às regras. Como recusar as disciplinas – no sentido de especialidade – sem simultaneamente se desobrigar da disciplina – no sentido de rigor de trabalho e métodos –, que pode ser sua face positiva? (2004, p.16)

Mesmo que não se tenha um consenso a respeito dos Estudos Culturais entendemos que eles percebem a cultura como espaço de debate e reconhecem a ação social. Isso se manifesta na importância dada ao contexto a partir das particularidades culturais articuladas a uma conjuntura histórica determinada. Percebemos isso na análise feita por Kellner (2001). Ele acredita que as abordagens interdisciplinares à cultura e à sociedade transpõem os limites existentes entre várias disciplinas. Em particular os Estudos Culturais defendem que não devemos nos deter nos confins da intertextualidade, devemos sim nos mover do texto para o contexto, para a cultura e sociedade que constituem o texto e nas quais ele deve ser lido e interpretado.<sup>9</sup> A capacidade destes Estudos a recorrerem a uma gama de díspar de campos a fim de teorizar a complexidade e as contradições dos múltiplos efeitos de uma ampla variedade de formas de mídia/cultura/comunicações em nossa vida e demonstrem como essas produções servem de instrumento de dominação, mas também oferecem recursos para a resistência e para a mudança, precisa ser considerada.

---

<sup>9</sup> O autor analisa dentre outros, o filme *Rambo* que repete discursos de direita sobre os prisioneiros do Vietnã e a necessidade de superar a ‘Síndrome do Vietnã’ (a vergonha de ter perdido a guerra e a relutância em usar novamente o poderio militar americano é abafada pela trama que apresenta os Estados Unidos e o guerreiro-herói americano, vitorioso daquela vez, mostrando, portanto, um sintoma de incapacidade de aceitar a derrota. Também apresentam uma compensação simbólica para a perda, a vergonha e a culpa ao retratarem os Estados Unidos como “bonzinhos” e daquela vez vitoriosos, enquanto seus inimigos comunistas são representados como a encarnação do “mal”, então alvo de derrota merecida). Por isso, a interpretação do texto cinematográfico de *Rambo* implica o uso de teoria cinematográfica, história social, análise política e crítica ideológica, além de outros modos de crítica cultural.



Começo a acreditar que fracas são as reflexões epistemológicas acerca dos Estudos Culturais pois eles estão no campo da comunicação e aparecem de forma naturalizada. Ou, melhor colocando, encontramos um obstáculo epistemológico uma vez que os Estudos Culturais são explicados pela sua utilidade. Esses fatos se tornam um problema, pois, embora algumas propostas dos Estudos Culturais sejam notáveis, como por exemplo o debate sobre a cultura com instrumento de reorganização social; outras não o são, porque não apresentam originalidade. Parecem ter sido simplesmente absorvidas de outras áreas, com por exemplo a pesquisa etnográfica que vem da antropologia, e nos é colocada pelos Estudos Culturais como uma proposta própria.

Um caminho provável para um melhor entendimento desta tradição é limitar a abrangência desse rótulo como um novo ângulo de análise dos mesmos para limitarmos a expansão do seu território e para compreendermos de que maneira podemos realmente servimo-nos deles

### **Considerações Finais**

Vimos que os Estudos Culturais vivem, hoje, seu auge. Traçados como uma não-disciplina, com ambições de atender a demanda de vários campos de produção de conhecimento, os Estudos Culturais aparentemente cumprem seus objetivos ao serem utilizados de maneira utilitária pelas mais variadas disciplinas. Entretanto, seguindo essa “vocação” de aporte interdisciplinar, os Estudos Culturais passaram a ser adotados sem a necessária reflexão sobre seu estatuto.

No caso da Comunicação, em particular, considerando suas peculiaridades, e a influência que os Estudos Culturais vêm exercendo na área, faz-se necessário uma reflexão sobre a expansão e as rupturas dos mesmos já que sua presença é cada vez mais constante.

É curioso o fato da presença utilitária destes Estudos sem que haja uma reflexão sobre eles próprios. Chegou a hora de se pensar, de se tomar uma consciência teórica a respeito dos Estudos Culturais, pois eles já estão fortemente implantados. Deve-se fazer teoria sobre o que representam. A auto-reflexão faz-se necessária para que se possa sustentar essa tradição chamada de Estudos Culturais e que transita: ora é legitimatória, ora faz uma auto-celebração.



Precisamos sair do campo das impressões e organizar os conceitos. Não se trata de banir os Estudos Culturais do campo da Comunicação, mas de perceber suas reais condições de contribuir para os estudos do campo.

## Referências

BELLO, E O. **El Estado del Arte en Teoría de la Comunicación: un Ejercicio Kuhniano** – *in* Intercom – Revista Brasileira de ciencias da Comunicação SP – vol.29 n.1, p.57-83, jan/jun 2006.

BERGER, P, LUCKMANN T. **Modernidade, Pluralismo e Crise de Sentido**. Rio de Janeiro: Ed Vozes, 2004.

\_\_\_\_\_ **A Construção Social da Realidade**. Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 1996.

ESCOTEGUY, A. C. **Os estudos culturais em debate** - *in* UNIrevista - Vol. 1, nº 3 : julho 2006.

GUEERTZ, C. **A Interpretação das Culturas** . Rio de Janeiro: Ed LTC,– 1989.

FOLLARI, R. **Los Estudios Culturales Como Teorias Débiles**. *in* Congresso de la LASA (Latin American Studies Association – Dallas 27-29 de março de 2003.

HALL, S. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro: Ed DP&A, 2006.

\_\_\_\_\_ **Da Diáspora Identidades e Mediações Culturais**. Belo Horizonte: Ed Humanitas 2006.

HOHLFELDT, A., MARTINO, L. C., FRANÇA, V. **Teorias da Comunicação: Conceitos, Escolas e Tendências**. Rio de Janeiro: Ed Vozes,2001.

JOHNSON, R., ESCOTEGUY, A. C.,SHULMAN, N. **O que é, afinal, Estudos Culturais?** Belo Horizonte: Ed. Autêntica, –2006.

KELLNER, D. **A Cultura da Mídia**. São Paulo: Ed EDUSC, –2001.

MARTINO, L. C. **Contribuições para o Estudo dos Meios de Comunicação** *in* Revista FAMECOS – Porto Alegre – nº 13 dez 2000.

\_\_\_\_\_ **Elementos para uma Epistemología da Comunicação**. *in* Campo da Comunicação, caracterização, problematização e perspectivas. Ed Universitária/UFPB – 2001.



\_\_\_\_\_ **Sob o Signo de Babel: As Teorias da Comunicação.** *in* Intercom Revista Brasileira de Ciências da Comunicação, set/2002

\_\_\_\_\_ **Cepticismo e Inteligibilidade do Pensamento Comunicacional.** *In:* Galáxia Revista do Ppg Puc Sp Em Comunicação e Semiótica, São Paulo, v. 5, p. 53-67, 2003.

\_\_\_\_\_ **História e Identidade:** Apontamentos Epistemológicos sobre a Fundação e Fundamentação do Campo Comunicacional - *in:* *E-COMPÓS*, www.compos.org.br, v. 1, p. 1-22, 2004.

\_\_\_\_\_ **Uma Questão Prévia: Existem Teorias da Comunicação?.** *in:* Teorias da Comunicação: Muitas ou Poucas?. São Paulo: Ateliê Editorial, v. 1, 2007.

MATTELART A. e NEVEU, E.. **Introdução aos Estudos Culturais.** São Paulo: Ed Parábola, 2004.

MOTTA, L. G. **Estratégias e Culturas da Comunicação. Brasília:** Ed. Universidade de Brasília, 2002 .

MIEGE, B. **O Pensamento Comunicacional.** Petrópolis: Editora Vozes, 2002

SEARLE, J. R. **Mente, Linguagem e Sociedade.** Rio de Janeiro. Ed Rocco, 2000.

WILLIAM, R. **Cultura.** São Paulo: Ed Paz e Terra 2ªEd, 2000.

WOLF, M. **Teorias da Comunicação.** Lisboa: Editora Presença, 1985.

ORTIZ, R. **Mundialização e Cultura. São Paulo:** Ed. Brasiliense, 1994.